

O direito de fracassar

Depois das esplêndidas exposições de Abelardo Zaluar e Aluisio Carvão, a Galeria Saramenha marca novo tento com a apresentação dos trabalhos de Maria Tomaselli. E promete manter o pique qualitativo até o fim do ano com as anunciadas exposições de Paulo Roberto Leal (setembro), Anna Bélla Geiger (outubro) e Dionisio del Santo (novembro). Juntamente com a Gravura Brasileira, que também promoveu boas exposições, como as de Amílcar de Castro, Arlindo Daibert, Carlos Martins e Rubens Gerchman, forma a dupla de galerias com melhor desempenho até agora, este ano.

A exposição de Tomaselli na Saramenha está muito bonita: é basicamente uma exposição de pintura, com trabalhos realizados a partir de 1978. No segundo andar o visitante encontrará alguns poucos desenhos e gravuras (litos e metal). Contudo, na última segunda-feira Tomaselli inaugurou outra mostra, esta de gravura, na galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, tendo como parceiros, dois gravadores pernambucanos, Luciano Pinheiro e Gil Vicente. E finalmente, como que a indicar um momento de glória para Tomaselli no Rio (a artista é de origem austríaca e reside em Porto Alegre), é também uma das participantes da mostra "O rosto e a obra", na galeria de arte do Instituto Brasil-Estados Unidos. Como não vi ainda a exposição do Centro Cultural Cândido Mendes deixo para sexta-feira o meu comentário sobre o trabalho de Maria Tomaselli, limitando-me, por ora, a recomendar aos leitores uma visita obrigatória às mostras citadas, em especial a da Galeria Saramenha.

Fora disso nada há de muito excitante para ver no circuito de galerias comerciais — a não ser a mostra já permanente de Homenagem a Mário Pedrosa, promovida por Jean Boghici, prorrogada por mais algum tempo, talvez à espera do catálogo que vários meses depois de inaugurada, ainda não ficou pronto. E enquanto o catálogo não vem, aguarda-se com expectativa a próxima exposição que será realizada por Boghici, a de um jovem desenhista, Nelson Felix. Já vi alguns trabalhos esparsos desse artista — o suficiente para perceber que temos um novo talento da praça.

Estive na Galeria Bonino meia hora antes do horário habitual de suas inaugurações para ver a mostra do grupo argentino de Carybé. Os quadros de Raul Brie, Luiz Preti e Gertrudis Chale ainda estavam sendo colocados nas molduras e pendurados. Não se tratava de nenhuma improvisação de Giovana Bonino, que isto não ocorre em sua galeria, mas resultado, mais uma vez, de problemas alfandegários. Foi preciso travar mais uma batalha para retirar os quadros. Mais de uma vez Giovana ouviu dos funcionários do aeroporto: estamos cheios de cultura. Mesmo assim, deu para notar que dos quatro expositores, o mais interessante é Preti, com suas paisagens de cores amortecidas, mos-

trando um casario simples e uma humanidade ocupada com seus afazeres. Uma pintura muito distante desta vocação argentina para a vanguarda, ou melhor, desse seu esforço continuado por liderar a produção vanguardista em nosso Continente. Preti está mais próximo temática e formalmente da "pintura proletária" dos anos 30/40 no Brasil. De Gertrudis Chale, que é austríaca, há pelo menos um bom desenho, de grande força telúrica, que é uma paisagem vulcânica. De Brie, são melhores os quatro miudos desenhos realizados com grafite. Quanto a Carybé, há tanto tempo vivendo na Bahia, não consegue desvencilhar-se do anedótico e do folclore. Explêndido desenhista, Carybé tanto na pintura como nos seus murais, é derrotado quase sempre pelo pitoresco. As vezes tenta uma saída religiosa, mas o seu São Roque lembra Marcier. No ecletismo de sua obra, ele sempre se dá melhor quando capta esta primitividade que é anterior ao folclore, estas multidões de seres que parecem saídas de tribos africanas, de grutas pré-históricas, dos bosquimanos.

No mais é esperar a inauguração, sexta-feira da exposição de Sérgio Camargo no Espaço ABC, no Parque da

Catacumba. A propósito do noticiário sobre esta exposição no meu roteiro de domingo último, Sérgio Camargo enviou telegrama, onde diz: "Incorreta sua informação relativa minha exposição ABC Catacumba pt São duas mostras diversas pt MAM adiada sine-die deve-se adiamento MASP pt Esperando realizá-la aqui quando estabelecida organicidade cultural entre artistas e MAM pt Não houve qualquer vinculação com ABAPP pt Agradeço publicação abraços Sérgio Camargo." Traduzindo seu telegrama: a mostra de pequenas esculturas e/ou maquetes que Camargo vai realizar no pavilhão Victor Brecheret, na Lagoa, de caráter didático, e cobrindo cerca de dez anos de sua produção, nada tem a ver com o boicote dos artistas, liderados pela Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais, contra o Museu de Arte Moderna. Camargo não assinou o manifesto de artistas e intelectuais contra o MAM nem suspendeu a mostra de suas esculturas e relevos no museu. Houve apenas um adiamento, devido à necessidade de coincidir as datas das exposições de Camargo no MAM carioca e no Museu de Arte de São Paulo, esta prevista para dezembro vindouro.

Instit

Contemporânea